

A (des)construção da memória sobre a ditadura pós-1964 pelo governo de Jair Bolsonaro

Giovane Matheus Camargo*

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes**

Pablo Ornelas Rosa***

Resumo

O presente artigo busca refletir sobre a forma que o governo de Jair Bolsonaro vem trabalhando a memória acerca da ditadura instaurada no Brasil pós-1964. Para tanto, analisamos como os discursos e valores compartilhados pelas direitas conservadoras e liberais-conservadoras tem emergido no contexto do ciberespaço e seu impacto sociológico. Acreditamos que as estratégias de mitificação do período ditatorial em termos conspiratórios se tratam de uma pauta própria do governo que busca suscitar um sentimento de vitimização na sociedade e desconstruir a memória que foi construída pelos governos passados como forma de justificar a necessidade de um governo autoritário no presente.

Palavras-chave: Memória; Ditadura; Bolsonaro.

Abstract

This article seeks to reflect on the way that the Jair Bolsonaro government has been working on the memory of the dictatorship established in Brazil post-1964. To this end, we analyze how the discourses and values shared by conservative and liberal-conservative rights have emerged in the context of cyberspace and its sociological impact. We believe that the strategies for mythification the dictatorial period in conspiratorial terms are an agenda of the government that seeks to evoke a feeling of victimization in society and deconstruct the memory that was built by past governments as a way of justifying the actual need for an authoritarian government.

Keywords: Memory; Dictatorship; Bolsonaro.

* Aluno do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde é aluno bolsista (CAPEs). Mestre em Sociologia também pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Bacharel em Direito pelo Instituto Superior do Litoral do Paraná. E-mail: giovanemcamargo@gmail.com

** Concluiu estágio pós-doutoral (IESP-UERJ), doutor em sociologia (IUPERJ), mestre em antropologia social (PPGAS/MN/UFRRJ) e graduado em ciências sociais (UFF). Atualmente é Professor adjunto no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, Professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Direito ambos da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Sociologia e Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: controle social, violência, sistema penitenciário, juventude e criminalização. E-mail: pedrobode@terra.com.br

*** Professor titular I nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia Política (Mestrado Acadêmico) e em Segurança Pública (Mestrado Profissional) da Universidade Vila Velha - UVV. Professor convidado no Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Educação e Tecnologia na Faculdade Vale do Cricaré - FVC. Professor convidado no Curso de Especialização em Direito Penal, Processo Penal e Criminologia no Centro de Ensino Superior de Vitória - CESV e no Curso de Especialização em Sociologia Política da Faculdade Sagrada Família - FASF. E-mail: pablorsa13@gmail.com

Apresentação

No Brasil, assim como em diversos países que estiveram sob regimes autoritários, houve esforços levados à cabo pelo governo federal - sobretudo durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) de Lula (2003-2010) e Dilma (2011–2016) -, por instituições e organizações comprometidas com a defesa dos direitos humanos em se resgatar memórias sobre a ditadura pós-1964 que até então tinham permanecidas silenciadas. Este trabalho conhecido como “dever de memória” estava diretamente ligado com a ideia de justiça social porque tinha a potencialidade de ressignificar o passado brasileiro, trazendo à tona memórias que revelavam verdades – no sentido de esclarecimento de fatos objetivos – e a penalização de pessoas culpadas pelos atos de violência institucional, que até então figuravam como heróis segundo a narrativa do regime militar.

Por meio da escuta de vítimas, testemunhas, suspeitos e pesquisas em arquivos, o Brasil trouxe à tona memórias sobre o regime que puderam enquadrá-lo enquanto um evento traumático, em face do sistemático emprego da violência física e simbólica praticada por meio de censuras, sequestros, prisões arbitrárias, torturas e execuções. Deste período, a primeira pessoa a ser condenada pela justiça pela prática de sequestro e tortura foi o coronel do Exército brasileiro e chefe do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército, Carlos Alberto Brilhante Ustra.

A partir das chamadas “jornadas de junho de 2013”, ao mesmo tempo que o PT perdia apoio político e as narrativas antipetistas ganhavam força, o Brasil viu ascender, sobretudo de maneira viral nas redes digitais, o deputado federal Jair Messias Bolsonaro, ex-militar brasileiro que em diversas situações enquanto homem público, homenageou o coronel Ustra e outras figuras autoritárias da América Latina, reconhecidamente torturadores pela justiça latino-americana. Após eleito presidente da república em 2018 mediante um forte apelo antipetista e de combate aos direitos humanos, Bolsonaro intensificou a narrativa de que a ditadura pós-1964 se tratou um período glorioso onde o Brasil se libertou de uma ameaça terrorista perpetrada pelos grupos de esquerda que visavam implantar o comunismo no país. Mais que isso, Bolsonaro e seus ministros, amparados nas teorias conspiratórias de Olavo de Carvalho (2017; 2018) e Pat Robertson (1991) sobre o “globalismo”, buscaram chamar a atenção em seus discursos para a necessidade de se combater no presente o “marxismo cultural” infiltrado na mídia, na cultura e nas universidades.

Acreditamos, por meio das análises dos regimes fascistas empreendidas por Jason Stanley (2019) e Umberto Eco (2019), que esta disputa pela memória travada pelo governo de Jair Bolsonaro se trata de uma estratégia política que tem por fim mobilizar o sentimento de vitimização na sociedade e a construção de um inimigo a ser combatido, materializado em seus adversários políticos de esquerda. Como visa apagar do debate público verdades inconvenientes

sobre o passado e silenciar a memória traumática sobre a ditadura, a política bolsonarista cria uma narrativa anticientífica ao se vincular às teorias conspiratórias sobre o “globalismo” e aproveita da potencialidade do ciberespaço na difusão de *marketing* político com o fim de produzir uma espécie de estado de irrealidade, onde as instituições são desacreditadas e o governo e seus apoiadores vistos como a única fonte de informações confiável.

Considerando que as eleições brasileiras de 2018 inauguraram no país uma nova forma de fazer política, consistente na utilização intensa da *internet* para a difusão de propaganda política, buscamos neste artigo por meio de notícias vinculadas em *websites*, publicações em redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e mensagens disparadas por meio do aplicativo de celular *WhatsApp*, identificar algumas dessas narrativas do governo de Jair Bolsonaro que dizem respeito à memória sobre a ditadura pós-1964. Por esta razão, houve uma preocupação na elaboração do texto para que fosse permitido ao leitor por meio de *links* ter acesso integral à esse material virtual, seja para ler as publicações ou assistir aos vídeos que são difundidos enquanto *marketing* político e facilitar a compreensão daquilo que vêm sendo chamado de subjetivação algorítmica (ROSA, 2019), entendida como uma forma de modulação de subjetividades por meio do ciberespaço.

As reflexões aqui apresentadas são fruto de uma pesquisa coletiva iniciada no ano de 2017 que têm monitorado os jogos de poder que operam no atual cenário ciberpolítico, tendo a memória sobre a ditadura pós-1964 nos chamado a atenção justamente porque entendemos não se tratar apenas de uma “cortina de fumaça”, mas uma agenda política própria do governo de Jair Bolsonaro com o objetivo de desconstruir a memória traumática que foi construída durante os governos anteriores. Esperamos que o presente artigo possa problematizar alguns pontos da política bolsonarista, bem como da cosmologia das direitas conservadoras e liberais-conservadoras, contribuindo para a realização de um diagnóstico acerca do nosso tempo.

A (des)construção da memória sobre a ditadura pós-1964

Durante as décadas de 50 até 90 do século passado, sob a intervenção dos Estados Unidos, se instalaram por toda a América Latina fortes ditaduras e regimes militares por meio de golpes de Estado. Em algumas regiões como Chile e Argentina, essas ditaduras de segurança nacional latino-americanas se propuseram a eliminar toda a possibilidade de mudança social progressista, direcionando aos dissidentes políticos dois tipos de sistema repressivo: um sistema penal paralelo que operava por meio das apreensões e um sistema penal subterrâneo, que procedia execuções, torturas e desaparecimentos forçados sem nenhum processo legal (ZAFFARONI, 2007).

No caso brasileiro, segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2016), o Estado não se utilizou unicamente das práticas de violência física, mas também, de estratégias sutis de negociação, conciliação e acomodação, que ao invés de eliminar de uma vez por todas as dissidências,

realizou acordos políticos com dirigentes do Estado, acadêmicos, cientistas, intelectuais e produtores culturais, com o fim de legitimar o regime. No que diz respeito às universidades, por exemplo, a expansão de quadros e recursos serviu como estratégia política para seduzir a elite academia/científica por meio do aumento de investimentos e a redução da repressão, tendo como contraoferta a moderação de opiniões e comportamentos. Embora de fato a acomodação tenha reduzido alguns conflitos durante a ditadura, ela serviu como forma de evitar rupturas sociais e preservar a ordem do regime militar.

Também por meio do uso da propaganda política e da censura, o governo militar ao mesmo tempo em que ocultava suas práticas de violência estatal e corrupção, seduzia a população pelos discursos desenvolvimentistas de progresso econômico e estabilidade social, buscando o consenso na opinião pública de que se vivia em uma democracia que estava em pleno progresso. Desta forma, segundo Carlos Fico¹, de forma diferente da Argentina em que as ações de violência tiveram grande visibilidade, a sociedade brasileira não constituiu uma memória traumática acerca da ditadura pós-1964, sendo ainda o exército uma das instituições que mais aparecem nas pesquisas de opinião pública. Além disso, a criação de um inimigo por meio do discurso de que existia uma ameaça comunista que botaria em risco a ordem social e política brasileira, também serviu como forma de produção de consenso sobre a necessidade do regime militar, e até mesmo a indiferença frente à violência. Sempre que surgiam boatos de algum desaparecimento, culpabilizava-se a própria vítima por ter relações com a ideologia comunista, o que, para Rodrigo Patto Sá Motta (2014), foi determinante para que as pesquisas de opinião demonstrassem que mais da metade da sociedade brasileira apoiava o golpe.

Já partir de 1999, a América Latina passou a ser ocupada por governos de centro-esquerda² e políticas que tinham como objetivo a revisão da memória de seus períodos ditatoriais foram inauguradas. No caso do Brasil, foi em 2011, com a presidente Dilma Rousseff que foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV), estabelecendo um programa que tinha o objetivo de apurar as violações de direitos humanos ocorridas no período do governo militar. Este processo que consiste em se dar voz às vítimas das ditaduras tem sido chamado por alguns autores latinos americanos como “dever de memória”³, entendido como um processo de ressignificação da memória como dever de justiça, onde “o herói antes comemorado cede lugar à vítima que deve obter justiça a partir da revelação da verdade e da penalização dos culpados”. (RÊGO, 2015, p. 4).

¹ Carlos Fico. *Porque os militares são (em geral) bem vistos pela população brasileira?* Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=573994123006285>>. Acesso em 11 abr. 2020.

² Venezuela (1999), Brasil (2003-2016), Argentina (2003-2015), Bolívia (2006), Chile (2006-2010 e 2014) e Equador (2007).

³ Segundo Heymann (2006), o conceito de “dever de memória” foi inicialmente cunhado para explicar o processo de ressignificação do discurso memorial dos judeus que viveram na França sobre o holocausto, que só ganhou visibilidade cerca de trinta anos mais tarde. Posteriormente, o conceito passou a ser utilizado em outros países.

Embora a CNV tenha se mostrado frágil diante do alto poder ainda exercido pelos militares no Brasil, não tendo, por exemplo, sequer a condição de intimar judicialmente pessoas para a tomada de depoimentos e ter tido acesso negado há alguns dos poucos arquivos que ainda não tinham desaparecido, os trabalhos da CNV lograram êxito em construir uma memória acerca dos crimes cometidos pelo regime militar, que incluía a experiência traumática de indivíduos até então silenciados, concluindo que mais de 400 pessoas foram mortas pelo Estado e solicitando a punição de mais de 100 agentes públicos, conforme o relatório final publicado no ano de 2014⁴.

No ano de 2018, cerca de quatro anos após os trabalhos da CNV, o Brasil elegeu o ex-militar Jair Messias Bolsonaro (PSL) como presidente da república. Durante seu mandato como deputado federal, o então parlamentar ostentava na parede do seu gabinete cinco quadros exibindo fotos dos ditadores do regime militar pós-1964, e durante entrevistas, sempre gostava de mostrá-los com orgulho⁵. Também na porta do seu gabinete, no ano de 2009, após o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) iniciar a abertura dos arquivos da ditadura e a busca pelas ossadas das pessoas que foram mortas durante a guerrilha do Araguaia e lá tiveram seus corpos enterrados em valas, Bolsonaro fixou um cartaz com a imagem de um cachorro com um osso na boca e acima os dizeres: “Desaparecidos do Araguaia: Quem procura osso é cachorro”⁶. Naquele mesmo ano, em plenário o então deputado federal, elogiando o regime fez as seguintes afirmações:

Esse pessoal vai no Araguaia agora simplesmente procurar ossos. Não existe mais ossos, presidenta. Vocês foram para lá pegar em armas financiados por Cuba e morreram em combate. Quem morreu e foi enterrado em cova rasa os porcos comeram os ossos. Tenho pena dos porcos, mas nada além disso. Comeram os ossos. E graças a deus o povo deve de joelhos agradecer os militares que acabaram com a guerrilha no Araguaia, caso contrário nós teríamos uma FARC no coração do Brasil, ou alguém duvida disso? Que o PT está aliado com as FARC aqui. O PT está aliado com a então brigadas vermelhas, lá da Itália, tanto é que nosso querido Tarso Genro, esse monumento ao terror e a bandidagem defende o Battisti aqui, tanto é que o MST está ligado com as FARC também, tanto é que o Tarso Genro defende a invasão de terras dos outros e o assassinato de segurança de fazendas produtivas do nosso país. Esse é um breve retrato do que acontece atualmente no Brasil⁷.

Desde que se tornou um homem público, Bolsonaro faz questão de demonstrar sua admiração pelo período ditatorial brasileiro e figuras antidemocráticas. Durante a votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff no ano de 2016, enquanto exercia o cargo de

⁴ Cf. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em 12 abr. 2020.

⁵ Jair M. Bolsonaro. *BOLSONARO Mostra Seu Gabinete a TV FOLHA*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NrYt-BNHcQ8>>. Acesso em 11 abr. 2020.

⁶ LOCATELLI, Piero. *PCdoB pede processo contra Bolsonaro por cartaz polêmico*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/2009/05/28/ult5773u1291.jhtm>>. Acesso em 11 abr. 2020.

⁷ Jair M. Bolsonaro. *JAIR BOLSONARO Guerrilha no Araguaia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZGku7LnPI18>>. Acesso em 11 abr. 2020.

deputado federal, glorificou o regime militar e homenageou Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército brasileiro e chefe do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército (1970-1974) condenado em 2008 pela prática de sequestro e tortura durante o regime⁸.

Ainda enquanto deputado federal, no ano de 2008, afirmou que a ditadura chilena imposta por Augusto Pinochet – que segundo o relatório apresentado pela comissão *Valech* vitimou mais de 40 mil pessoas, entre execuções, desaparecimentos, torturas e estupros – “deveria ter matado mais gente”⁹. Já em um programa televisivo, no ano de 2015, afirmou que “Pinochet fez o que tinha que ser feito, porque no Chile havia mais de 30 mil cubanos. Então tinha que ser de forma violenta para reconquistar o seu país”¹⁰. Além do ditador chileno, em 1993 durante uma entrevista para o *The New York Times*¹¹, Bolsonaro afirmou que a saída para o Brasil seria a “fujimorização”, fazendo referência ao governo ditatorial que vigorou no Peru (1990-2000) comandado por Alberto Fujimori, condenado em 2009 à 25 anos de prisão por sequestros e mortes durante o seu governo¹².

Após eleito presidente da república em 2018, Jair Bolsonaro intensificou seus discursos de glorificação dos regimes ditatoriais da América Latina. Na verdade, a mitificação destes passados autoritários foi instituída como uma estratégia política do seu governo, objetivando apresentar a história em termos conspiratórios de modo a silenciar memórias e narrativas traumáticas. Durante o primeiro ano de seu mandato presidencial, Bolsonaro voltou a legitimar ditaduras por meio do discurso de que existia uma conspiração comunista levada a cabo por Cuba e atualmente pelos partidos de esquerda para dominação do país. Em agosto de 2019, recebeu em seu gabinete a viúva do coronel Ustra, afirmando em entrevista que é “apaixonado por ela” e que seu marido era um “herói nacional que evitou que o Brasil caísse naquilo que a esquerda hoje em dia quer”¹³.

⁸ Jair M. Bolsonaro. *Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A&ab_channel=Estad%C3%A3o>. Acesso em 11 abr. 2020.

⁹ Cf. Jair M. Bolsonaro. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080328120559/http://veja.abril.com.br/021298/p_039.html>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹⁰ Jair M. Bolsonaro. ‘Pinochet fez o que tinha que ser feito’, dispara Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=REoWZWQEU-o&ab_channel=T1>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹¹ BROOKE, James. *Conversations/Jair Bolsonaro; A Soldier turned politician wants to give brazil back to army rule. The New York times*. 25 jul. 1993. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1993/07/25/weekinreview/conversations-jair-bolsonaro-soldier-turned-politician-wants-give-brazil-back.html>>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹² MARINHO, Michele. *Furimori é condenado a 25 anos de prisão no Peru*. BBC Brasil. 7 abr. 2009. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/04/090407_fujimori_rc>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹³ MAIA, Gustavo. *Bolsonaro diz que Ustra, militar condenado por tortura na ditadura, é ‘herói nacional’*. O Globo. 08 set. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz->

Um mês após esse fato, após a ex-presidente do Chile Michelle Bachelet - que teve seu pai morto pela ditadura chilena - afirmar que houve uma redução do espaço democrático no Brasil com a eleição de Bolsonaro, este afirmou em suas redes sociais que Michelle “se esquece que seu país só não é uma Cuba graças aos que tiveram a coragem de dar um basta à esquerda em 1973, entre esses comunistas o seu pai brigadeiro à época”¹⁴. Afirmação esta que foi repudiada inclusive pelo seu aliado e atual presidente do Chile, Sebastián Piñera¹⁵.

Na obra “*como funciona o fascismo: a política do nós e eles*” (2019), Jason Stanley considera que o fascismo perdura durante o século XXI e que não tem mais a mesma aparência que teve no século anterior, classificando o termo enquanto técnicas políticas que privilegiam um ultranacionalismo, no qual a nação é representada na figura de um líder autoritário que fala em seu nome. As técnicas fascistas são várias: a mitificação do passado, a propaganda, o anti-intelectualismo, o estado de irrealidade, o culto à hierarquia, o sentimento de vitimização, políticas de lei e ordem, a ansiedade sexual e apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Para o autor, esse *modus operandi* vêm sendo amplamente utilizado em países que foram acometidos por uma espécie de nacionalismo de extrema direita, como é o caso da Rússia, Hungria, Polónia, Índia, Turquia e os Estados Unidos. De modo parecido, Umberto Eco traça a noção de “fascismo eterno” (2019), considerando que podemos identificar governos fascistas no mundo contemporâneo pelas características que eles apresentam, dentre elas, a obsessão pela conspiração.

Para Stanley (2019), uma das técnicas clássicas dos políticos fascistas consiste em divulgar um passado mítico com o fim de criar expectativas irracionais, gerando um sentimento de vitimização e ressentimento na sociedade de que algo precisa ser reparado. As narrativas empreendidas por Bolsonaro, sobretudo após eleito presidente da república operam por meio dessas duas técnicas: demonstrar como o Brasil foi e ainda é vítima de uma esquerda associada ao comunismo e ao “marxismo cultural” que planeja destruir os valores da nação, e como a ditadura militar se tratou de um passado mítico onde o Brasil se livrou desta ameaça terrorista. Ao glorificar a ditadura pós-1964 e ligar o Partido dos trabalhadores (PT) e movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ao comunismo e às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) por meio de narrativas conspiratórias, o governo Bolsonaro visa mobilizar na sociedade um sentimento de vitimização, circunscrevendo fronteiras e naturalizando diferenças entre os grupos de forma a legitimar hierarquias morais. Quando esta

[que-ustra-militar-condenado-por-tortura-na-ditadura-heroi-nacional-23862950](#)>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹⁴ Jair M. Bolsonaro. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.250567771758883/1577243422424638/?type=3>>. Acesso em 11/04/2020.

¹⁵ O GLOBO. *Aliado de Bolsonaro, presidente do Chile diz que ‘não compartilha de forma alguma’ comentários sobre Bachelet*. 04 out. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/aliado-de-bolsonaro-presidente-do-chile-diz-que-nao-compartilha-de-forma-alguma-comentario-sobre-bachelet-23927345>>. Acesso em 11 abr. 2020.

mobilização afetiva é bem sucedida, os dissidentes políticos deixam de serem considerados como adversários democraticamente legítimos e figuram como inimigos que precisam ser combatidos ante a ameaça que representam.

Tanto para Stanley (2019), quanto Umberto Eco (2019), o fascismo se constrói pela ideia nacionalista de que o privilégio da nação é justamente o de pertencer à certa identidade nacional. Neste sentido, a construção de um inimigo externo em termos conspiratórios funciona como estratégia política de fazer com que a população se sinta ameaçada e sitiada, necessitando de uma figura mítica para salvar a nação da ameaça inimiga. A criação de um passado mítico se relaciona com a obsessão pela conspiração porque tem por objetivo deslocar a verdade e apagar realidades inconvenientes da perspectiva do poder instituído. Segundo Stanley (2019, p. 33), “enquanto a política fascista fetichiza o passado, nunca é o passado real que é fetichizado”, assim, “quando não inventa simplesmente um passado para utilizar como arma a emoção da nostalgia, a política fascista procede a uma escolha seletiva do passado, evitando qualquer coisa que diminua a adulação irrefletida da glória da nação”.

É pertinente notar que quando o filósofo Umberto Eco (2019) realizou a conferência “*fascismo eterno*” no ano de 1995, ao falar sobre a obsessão da conspiração dos regimes fascistas, o autor afirmou que o ultimo exemplo dessa obsessão se tratou da narrativa empregada pelo apresentador de TV evangélico Pat Robertson no livro “*The new world Order*” (1991). A teoria conspiratória da “nova ordem mundial”, ou ainda do “globalismo”, elaborada por Robertson é fundada em concepções apocalípticas do mundo e nas profecias do fim dos tempos e denuncia que a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial de Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e as famílias mais ricas da humanidade, a exemplo dos economistas de *Wall Street*, *Federal Reserve System* e *Council on Foreign Relations*, estariam exercendo o comando do governo federal dos Estados Unidos (EUA), objetivando a transferência do poder econômico ocidental para o regime chinês, a destruição dos valores cristãos e a construção de uma nação única mundial, controlada por meio de uma ditadura comunista global que enfatiza o anticristo. Para Robertson (1991), diante desta ameaça apocalíptica, é dever de todo cristão e direito dos cidadãos americanos combaterem a “nova ordem mundial”.

Manuel Castells (2006) mostra em seus estudos sobre os movimentos sociais que o combate ao “globalismo” foi apropriado pelas milícias norte-americanas, grupos paramilitares ligados a um movimento maior conhecido como “Movimento Patriótico”, cujo universo ideológico compreende organizações extremamente conservadoras como a *John Birch Society*, grupos de supremacia branca, neonazistas, antissemitas - incluindo a *Ku Klux Klan* e a *Posse Comitatus* – e grupos de fanáticos religiosos como a seita antissemita oriunda do israelismo britânico da Inglaterra vitoriana, Identidade Cristã. Essas milícias que se colocam contra a “nova ordem mundial” foram inclusive responsáveis pelo atentado ocorrido em *Oklahoma City* no ano de 1995, onde um caminhão lotado de explosivos foi utilizado para explodir um edifício do governo federal,

vitimando fatalmente 169 pessoas. Castells (2006, p. 110) estimava em 1997, que devido à utilização estratégica de ferramentas de informação e comunicação como a *internet*, cerca de 5 milhões de pessoas nos EUA haviam sido atingidas pelos apelos destas milícias, ganhando a simpatia sobretudo dos defensores do porte e uso de armas e da *National Rifle Association*, movimentos “antiaborto” à exemplo do *Right to life* e grupos de oposição ao governo federal como a coalizão antiambiental *Wise Up*.

A teoria sobre a “Nova ordem mundial” foi apropriada e difundida no Brasil pelo autointitulado filósofo e antiacadêmico Olavo de Carvalho, o qual exerce forte influência sobre o governo Bolsonaro, tendo inclusive, Eduardo Bolsonaro, deputado federal e filho do presidente afirmado que o mentor intelectual da atual onda conversadora brasileira é Olavo de Carvalho, sendo seu pai apenas um instrumento¹⁶. Em vídeo, Olavo afirmou ter negado o convite de Bolsonaro para que assumisse o Ministério da Educação (MEC) ou da Cultura, mas em contrapartida indicou o nome de Ricardo Vélez-Rodríguez para o MEC, que aceitou¹⁷. Mais tarde, Vélez-Rodríguez foi substituído por Abraham Weintraub, atual Ministro da Educação que foi aluno de Olavo e se diz admirador de suas ideias¹⁸. Outra pessoa indicada por Olavo para o governo Bolsonaro é o atual Ministro das Relações Exteriores, Ernesto de Araújo, que em seu blog pessoal intitulado “Metapolítica 17: contra o globalismo” se autointitula um combatente do globalismo, traçando um perfil persecutório aos moldes de Robertson:

Sou Ernesto Araújo. Tenho 28 anos de serviço público e sou também escritor. Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem da ideologia globalista. Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anticristão. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornado o homem escravo e Deus irrelevante. O projeto metapolítico significa, essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história¹⁹.

Inclusive, durante seus primeiros meses de mandato presidencial, Jair Bolsonaro esteve com seu filho Eduardo e o Ministro Ernesto Araújo em um encontro em Washington nos Estados Unidos (EUA) com líderes religiosos americanos para discutirem sobre a importância da defesa da família e a luta antiaborto. Nesta ocasião, Pat Robertson fez uma oração com todos os presentes pedindo a bênção divina de Bolsonaro e o fortalecimento da união entre o Brasil e o EUA²⁰.

¹⁶ Eduardo Bolsonaro. *Show do Esquerdão com Eduardo Bolsonaro!* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U1FnGE6j8nY>> Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷ Olavo de Carvalho. *MINISTRO DA EDUCAÇÃO?? Olavo de Carvalho fala sobre sua decisão.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YBPZHtqST78>>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹⁸ EXAME. *Weintraub conhece minhas ideias melhor do que Vélez, diz Olavo de Carvalho.* 01 abr. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/weintraub-conhece-minhas-ideias-melhor-do-que-velez-diz-olavo-de-carvalho/>>. Acesso em 11 abr. 2020.

¹⁹ Ernesto Araújo. Cf. <<http://www.metapoliticabrasil.com/>>.

²⁰ Cf. *O pastor Pat Robertson faz oração com Bolsonaro.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tqCo3DpRN84>>. Acesso em 11 de abr de 2020.

A partir da premissa que o “globalismo” visa destruir os valores das sociedades ocidentais, Olavo de Carvalho (2014; 2018) sustenta as mais diversas teorias conspiratórias que sempre estão relacionadas com o que chama de “marxismo cultural”, entendido como a estratégia “globalista” de infiltrar o marxismo nos mais diversos campos da produção midiática e cultural, tal como o cinema, a música, a televisão, a literatura e as universidades com o fim de destruir os valores cristãos ocidentais e impor um conjunto de convicções que tentam normalizar, por exemplo, o aborto e a pedofilia, colocando em risco o cristianismo, que seria a base das sociedades civilizadas. Para ele, a ditadura pós-1964 foi importante porque impediu o avanço da luta armada comunista, entretanto, falhou em não combater o avanço dos marxistas gramscianos, que pretendiam realizar uma “revolução cultural” por meio da implementação do “marxismo cultural”, que dominou sobretudo o campo acadêmico, transformando as universidades em “fábricas de cabos eleitorais do Partido dos Trabalhadores (PT)”. Por esta razão, Olavo acredita que todos os filósofos brasileiros que são dignos do nome não têm formação acadêmica em filosofia, o que incluiria Mario Ferreira dos Santos, que segundo ele teria sido o maior filósofo do país, e ele próprio²¹.

O conceito de “marxismo cultural” não foi criado por Olavo de Carvalho e é amplamente utilizado pelos teóricos da conspiração que acreditam na existência da “nova ordem mundial”. Este conceito utilizado por Olavo nada mais é que a reinvenção do conceito de “bolchevismo cultural”, utilizado pelo partido nazista para acusar artistas e intelectuais de tentarem desgastar os valores tradicionais alemães e justificar a perseguição aos mesmos à exemplo do que aconteceu com o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, que ao se interessar à explicar o fenômeno social e político da época, foi extremamente perseguido pela Alemanha nazista (BRASIL, 2019). Não é por coincidência que Olavo de Carvalho afirma que a Escola de Frankfurt é o grande expoente do “marxismo cultural”, afirmando inclusive que acredita que o grupo musical Beatles, que difundia o satanismo e as drogas por meio da música, era integrado por semianalfabetos musicais e quem teria composto suas músicas seria o sociólogo Theodor Adorno, expoente Frankfortiano²². De igual maneira, o atual presidente da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) do governo Bolsonaro, Dante Mantovani, que foi aluno de Olavo de Carvalho, gravou vídeo sustentando que os Beatles colocaram em prática as ideias da Escola de Frankfurt e que “o rock ativa a droga, que ativa o sexo, que ativa a indústria do aborto. A indústria do aborto, por sua vez, alimenta uma coisa muito mais pesada que é o satanismo”²³.

²¹ Olavo de Carvalho. *Olavo de Carvalho – Jumentice universitária*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LHVIArPAbLo&ab_channel=OlavodeCarvalho>. Acesso em 11 abr. 2020.

²² Olavo de Carvalho. *287- Rock, Beatles e Satanismo I Olavo de Carvalho*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t02askPbwRg&ab_channel=BrunoS.Alves>. Acesso em 11 abr. 2020.

²³ Dante Mantovani. *'Rock leva ao aborto e satanismo', diz novo presidente da Funarte*. Disponível em:

Considerando a potencialidade de Olavo de Carvalho e seus alunos em difundirem teorias conspiratórias por meio de seus cursos e vídeos no site *Youtube*, durante um de seus primeiros discursos públicos transmitido na internet, Bolsonaro apareceu sentado em uma mesa onde se encontravam a constituição federal, a bíblia, um livro sobre Winston Churchill e o livro “*O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*” (2018) de autoria de Olavo de Carvalho²⁴. É na figura do autointitulado filósofo que Bolsonaro encontrou sustentação para construir aquilo que Stanley (2019) chama de “estado de irrealidade”, isto é, um cenário social onde a confiança da sociedade nas instituições democráticas está tão abalada que o debate fundamentado é substituído pelas notícias falsas e teorias conspiratórias. Desta maneira, a política fascista quando bem sucedida consegue influenciar a vontade da sociedade por meio do discurso de apelo emocional muito mais do que pela racionalidade, sendo o líder – transformado em mito – o único colocado como fonte de verdade confiável.

A internet é o campo perfeito para a difusão das teorias conspiratórias e notícias falsas uma vez que carece de filtros seguros quanto a veracidade das informações, permite de maneira fácil o encontro de pessoas que compartilham do mesmo ponto de vista e detém uma potencialidade viral de conteúdos – sobretudo aqueles de apelo emocional - que podem ser compartilhados por milhares de pessoas em questões de minutos. Diante do descrédito das instituições e da possibilidade de qualquer pessoa que tenha uma conta no *Twitter* ou *Youtube* se reivindicar como uma fonte de informação, a veracidade das informações não se dá por meio de fontes seguras, mas pela quantidade de curtidas e compartilhamentos que elas têm nas redes sociais e em aplicativos como o *WhatsApp*. Compreendendo isso, empresas fizeram do ciberespaço e um verdadeiro mercado milionário de difusão de *marketing* político travestido de *memes* que beneficiam seus candidatos e difamam seus opositores. Como demonstra Rosa (2019), a partir da coleta de dados pessoais é possível direcionar para cada usuário um tipo específico de *marketing* político para orientar sua opinião política e seu desejo de consumo. Os *likes*, compartilhamentos, *check-ins*, conversas, publicações em redes sociais e buscas em mecanismos como o *Google* são utilizados como forma de mapeamento de gostos e preferências que possibilitam a criação de bolhas virtuais onde apenas as informações que dizem respeito a uma determinada cosmologia entram, permanecendo as narrativas contrárias fora da bolha, o que dificulta que as notícias falsas e as teorias conspiratórias sejam contrariadas.

Este processo de modulação das subjetividades por meio das tecnologias de informação e comunicação tem sido chamado de governamentalidade algorítmica (ROSA, 2019) e um dos casos mais famosos diz respeito às eleições presidências de 2016 onde o candidato eleito Donald Trump contratou os serviços da empresa *Cambridge Analytica* – que também trabalhou

<https://www.youtube.com/watch?v=H0Xg1RnRM2Q&ab_channel=JornalOGlobo>. Acesso em 11 abr. 2020.

²⁴ Cf. *Jair Bolsonaro é eleito o 38º Presidente da República Federativa do Brasil!* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3gZ3WfVagoo&t>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

no caso *Brexit* -, que após coletar dados pessoais de cerca de 87 milhões de usuários da rede social *Facebook* e direcionar um *marketing* político para cada uma dessas pessoas, pôde automatizar seus *feeds* de notícias e fazer com que os sujeitos vissem o mundo da forma como eles queriam, conforme confessou Brittany Kaiser, ex-diretora americana de desenvolvimento de negócios da empresa²⁵. Inclusive, Eduardo Bolsonaro esteve presente durante o aniversário de Steve Bannon, ex-dirigente da empresa e considerado pelo filho do presidente como um ícone no combate ao “marxismo cultural”²⁶. Bannon, por sua vez, no início de 2019 recebeu Olavo de Carvalho e executivos do mercado financeiro em sua casa pois estaria curioso acerca da política bolsonarista, da qual é um entusiasta²⁷.

A governamentalidade algorítmica operada nesse sentido consegue além de polarizar a política, legitimar discursos anticientíficos como é o caso do conteúdo produzido pelo grupo Brasil Paralelo, um *think tank* neoconservador e monarquista que objetiva produzir uma mudança cultural ao inserir nas escolas de todo o país uma visão alternativa e revisionista da história brasileira. Influenciados por Olavo de Carvalho, também estabelecem uma narrativa persecutória e caricatural que negligencia as diferenças e tradições das esquerdas e as apresentam como sendo uma coisa única, associando enquanto sinônimo os socialismos, os comunismos, o petismo e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em seu filme “1964 – entre armas e livros”²⁸, que já conta com mais de 7 milhões de visualizações somente no site *Youtube*, o *think tank* apresenta os eventos acerca do golpe de 1964 a partir da narrativa olavista, evidenciando a necessidade de se combater a suposta “esquerda cultural” infiltrada no campo científico, cultural e midiático e que impõem a visão globalista. Credo na existência de uma ameaça comunista constante, boa parte das novíssimas direitas é orientada pela mesma ideia que permeava a ditadura pós-1964, a de necessidade da eliminação simbólica e até mesmo física da esquerda diante da sua tentativa de destruição do mundo ocidental tal qual conhecemos. Neste sentido explica Rosa:

A instrumentalização tanto dessa narrativa quanto desse processo de estigmatização e criminalização de certo entendimento do que seriam as esquerdas ou A esquerda e, portanto, o comunismo, permitiu com que pessoas torturadas na frente de seus filhos no período da ditadura empresarial-militar brasileira fossem alvo de *fake news*, tendo a tortura sido justificada já que os torturados teriam supostamente matado militares, conforme ocorreu com Maria Amélia de Almeida Telles. Portanto, mesmo tendo sido torturada em frente aos seus filhos no regime empresarial-militar, o discurso de ódio proferido por boa parte dos supostos antipetistas, anticomunistas, antiesquerdistas, olavistas ou

²⁵ Cf. *The great hack*. Direção de Karim Amer; Jehane Noujaim. EUA: Netflix, 2019. (110 min.).

²⁶ ZAREMBA, Júlia. *Eduardo Bolsonaro vai a aniversário de Bannon, ex-estrategista de Trump*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/eduardo-bolsonaro-vai-a-aniversario-de-bannon-ex-estrategista-de-trump.shtml>>. Folha de S. Paulo. 28 nov. 2018. Acesso em 11 abr. 2020.

²⁷ BULLA, Beatriz. *Um jantar com Steve Bannon e Olavo de Carvalho*. O Estado de S. Paulo. 20 jan. 2019. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,um-jantar-com-steve-bannon-e-olavo-de-carvalho,70002686785>>. Acesso em 11 abr. 2020.

²⁸ Cf. *1964 – O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPlg&t>>. Acesso em 11 abr. 2020.

mesmo bolsonaristas não os impossibilitaram de ataca-la, desconsiderando a sua dor e sofrimento, através de um discurso conspiratório e falacioso baseado no extermínio físico e simbólico daqueles que supostamente ameaçariam a unidade forjada por uma narrativa persecutória capitaneada e legitimada por uma suposta maioria. (ROSA, 2019, pp. 236-237).

Conforme Stanley (2019), é comum que os políticos fascistas tentem reescrever a compreensão geral da população sobre a realidade como forma de empobrecer a discussão política e reduzi-la ao conflito ideológico. Por esta razão, se faz necessário o anti-intelectualismo, materializado na negação de argumentos científicos e em ataques aos sistemas educacionais que podem contestar suas ideias. Inclusive, o atual Ministro da Educação Abraham Weintraub foi aluno de Olavo de Carvalho e também defende que é necessário vencer o “marxismo cultural” implementado na educação brasileira²⁹. Como homem público, Weintraub demonstra toda sua admiração pela ideologia persecutória de Olavo, conforme evidenciado em uma de suas palestras onde afirma que “quando um comunista chegar para você com o papo ‘nhoim nhoim’, xinga. Faz como o Olavo de Carvalho diz para fazer. E quando você for dialogar, não pode ter premissas racionais”³⁰.

Inspirado pela teoria conspiratória olavista, os discursos do ministro da educação são marcados pelos constantes ataques às universidades, como por exemplo quando ameaçou cortar verbas de universidades que promovam “balburdia”, por meio de “bagunças e eventos ridículos”, sem-terra e “gente pelada” dentro do campus³¹. Estigmatizar a educação como “doutrinação marxista” serve justamente para desqualificar as instituições e possibilitar a criação de uma educação que incuta o orgulho no passado mítico, conforme demonstra Stanley:

A política fascista, no entanto, abre espaço para o estudo dos mitos como um fato. Na ideologia fascista, a função do sistema educacional é glorificar o passado mítico, elevando as conquistas dos membros da nação e obscurecendo as perspectivas e as histórias daqueles que lhe são estranhos. (...) Na ideologia fascista, o objetivo da educação geral nas escolas e universidades é incutir o orgulho do passado mítico. A educação fascista exalta disciplinas acadêmicas que reforçam as normas hierárquicas e a tradição nacional. Para os fascistas, as escolas e universidades existem para doutrinar o orgulho nacional ou racial, transmitindo, por exemplo (onde o nacionalismo é racializado), as gloriosas conquistas da raça dominante. (STANLEY, 2019, p. 58).

Embora alguns autores tenham afirmado que o combate ideológico firmado por Bolsonaro se trata de uma “cortina de fumaça” para tirar a atenção de outras pautas políticas

²⁹ BORGES, Helena; CANÔNICO, Marco Aurélio. *Novo ministro da Educação critica ‘marxismo cultural’ nas universidades e diz que não falta orçamento, mas ‘eficiência’*. O globo. 08 abr. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/novo-ministro-da-educacao-critica-marxismo-cultural-nas-universidades-diz-que-nao-falta-orcamento-mas-eficiencia-23582376>>. Acesso em 11 abr. 2020.

³⁰ Abraham Weintraub. *Quem é Abraham Weintraub novo ministro da educação MEC. Conheça nesse vídeo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=03HdxU_OTDg&feature=emb_title&ab_channel=TradutordAM%C3%ADdia-Rat%C3%A3o>. Acesso em 11 abr. 2020.

³¹ AGOSTINI, Renata. *MEC cortará verba de universidade por ‘balbúrdia’ e já enquadra UnB, UFF e UFBA*. O Estado de S. Paulo. 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba.70002809579>>. Acesso em 11 abr. 2020.

como a reforma da previdência³², compreendemos que a utilização de técnicas como a mitificação do passado, o anti-intelectualismo, a hierarquização social e a criação de um estado de irrealdade estão relacionadas com uma agenda própria de governo com o objetivo político de deslegitimar a memória construída durante os governos anteriores que categorizava o período ditatorial como um evento traumático pela alta dose de violência empregada, sobretudo pelo uso de prisões arbitrárias seguidas de tortura e/ou morte (FICO, 2012, p. 43).

Outro exemplo de tentar enquadrar a memória sobre a ditadura pós-1964 como um período glorioso foi quando em 2019, Bolsonaro orientou os quartéis a comemorem a data de 31 de março, em homenagem ao evento que marca o golpe militar de 1964, contrariando a orientação do governo de Dilma Rousseff de suspender qualquer atividade neste sentido. Na sequência, generais das Forças Armadas afirmaram que a mensagem precisava ser “suave”, para evitar tumultos³³. Na data em questão, segundo confirmado pelo vice-presidente Mourão³⁴, o próprio governo federal distribuiu no aplicativo de celular *WhatsApp* e em contas no *Twitter*³⁵, um vídeo de apelo emocional onde um ator idoso reforça a narrativa que as Forças Armadas salvaram o Brasil do comunismo em 1964. Os argumentos que sustentam a narrativa apelam para discursos produzidos pelos jornais, revistas e filmes da época, meios de comunicação que, como já afirmado, quando não estavam cooptados pelo regime, sendo meios de propaganda política, eram censurados e impedidos de tornarem público as violações de direitos. Assim narra o vídeo:

Se você tem a mesma idade que eu, pouco mais, pouco menos, sabe que houve um tempo em que o nosso céu de repente não tinha mais estrelas e outros, nem nossas vidas e nossos campos e bosques, flores e amores. Se você é jovem, deve ter ouvido isso do seus pais. Mas se você quer mais detalhes, depoimentos, quer ter certeza de que isso é verdade, faça uma pesquisa, consulte os jornais, revista e filmes da época, você vai ver que era sim um tempo de medo e ameaças, ameaças daquilo que os comunistas faziam onde era imposto sem exceção, prendiam e matavam seus próprios compatriotas. Havia sim, muito medo no ar, greve nas fábricas, inseguranças em todos os lugares, foi aí que conclamado por jornais, rádios, TV e principalmente pelo povo na rua, povo de verdade, pais mães, igreja, o Brasil lembrou que possuía um exército nacional e apelou a ele. Foi só aí que a escuridão graças a deus foi passando, passando e fez-se a luz, a bandeira verde e amarela voltou a tremular e o medo deu lugar a confiança no futuro, o exército nos salvou. O exército no salvou! Não há como negar. E tudo isso

³² ALESSI, Gil. *Batalha ideológica é a ponta de lança da estratégia de Bolsonaro*. El país. 07 jan. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/politica/1546619303_381027.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR0SLi2y95rMpkRys9rvGBqpi0sJna8hPugxLq5JEqXh_YGRI69oyVBtJs_g%3E>. Acesso em 11 abr. 2020.

³³ REVISTA Veja. *Bolsonaro quer comemoração do golpe de 1964 nos quartéis*. 25 mar. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-quer-quarteis-comemorando-golpe-de-64-generais-sugerem-cautela/>>. Acesso em 11 abr. 2020.

³⁴ MAIA, Gustavo. *Mourão diz que divulgação de vídeo pró-ditadura pelo Planalto foi decisão de Bolsonaro*. O Globo. 01 abr. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/mourao-diz-que-divulgacao-de-video-pro-ditadura-pelo-planalto-foi-decisao-de-bolsonaro-23565254>>. Acesso em 11 abr. 2020.

³⁵ Cf. Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1112297862417797120>>. Acesso em 11 abr. 2020.

aconteceu num dia comum de hoje, um 31 de março. Não dá para mudar a história³⁶.

Dois dias depois (02/04/2019), Bolsonaro visitou o memorial do holocausto *Yad Vashem*, localizado em Israel, onde participou de uma cerimônia em homenagem às vítimas do holocausto e logo após, em entrevista para reportes brasileiros, afirmou não ter dúvidas de que o nazismo foi um movimento de esquerda, concordando com as declarações de seu Chanceler Ernesto Araújo e contrariando as afirmações do próprio memorial que havia visitado que classifica o nazismo como um movimento antissemita de direita³⁷.

Já no dia 1º de julho de 2019, no *Twitter*³⁸ oficial do Exército brasileiro foi prestada uma homenagem em nome dos alunos e professores da ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército) ao major da *Wehrmacht*, Eduard Ernest Thilo Otto Maximilian Von Westernhagen, que foi assassinado por membros da COLINA (Comando de Libertação Nacional) em 1968, por ter sido confundido com o capitão Gary Prado, supostamente envolvido na prisão de Che Guevara. Os autores do homicídio foram presos e torturados, como no caso de João Lucas que teve seus braços quebrados, olhos vazados, unhas arrancadas, além de ter sido queimado (LEITE, 2009).

No dia seguinte da publicação, diante de inúmeras críticas realizadas, o exército lamentou em sua conta oficial do *Twitter* que as pessoas desconheçam a história e afirmem que o major tivesse ligação com o nazismo. A filósofa Hannah Arendt em suas obras (1999; 2004) tensiona o fato de que durante o período de guerra, pessoas que normalmente repudiam a violência passam a ser indiferentes à ela, já que seus marcos referenciais não são mais os mesmos e o que é errado em tempos de paz não é mais errado no calor da guerra. Desta forma, soldados alemães que não se compreendiam enquanto nazistas, mas que participaram de brutalidades que ocorreram por causa da ideologia, utilizavam durante seus julgamentos o argumento de que apenas a *Schutzstaffel* (SS) era ideologicamente alinhada aos nazistas, com o fim de serem absolvidos pelas violências praticadas. De fato, não há como afirmar quem era ou não nazista na *Wehrmacht* e quem foi diretamente responsável por atrocidades ou não. Mas Eduard, assim como vários outros criminosos de guerra fizeram, à exemplo de Adolf Eichmann, fugiu para a Argentina no fim da guerra enquanto vários outros integrantes de alta patente da *Wehrmacht* continuaram na Europa. Entretanto, mesmo com indícios da ligação do major com a causa nazista, a homenagem foi normalizada pelo fato de ter sido vitimado pela luta armada da esquerda.

³⁶ Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4qtyo_ZiIOA>. Acesso em 11 abr. 2020.

³⁷ G1. *Bolsonaro diz não ter 'dúvida' de que nazismo era de esquerda*. 02 abr. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>>. Acesso em 11 abr. 2020.

³⁸ Cf. Disponível em: <https://twitter.com/exercitooficial/status/1145809362340012037>. Acesso em 11 abr. 2020.

As escolas militares sempre enaltecem os atos repressivos da ditadura militar contra a chamada “luta armada” engendrando na oficialidade brasileira sentimentos antidemocráticos. Em 2018, quando Bolsonaro ainda não era presidente e se completava a data de 50 anos da morte de Ernest, não existem indícios de que tenha havido homenagem como a que foi feita no ano de 2019 pela ECEME. A homenagem, encampada pelo Exército, mostra a intenção da força de se alinhar ao discurso bolsonarista de valorização da ditadura.

Por fim, é interessante mencionar que nos últimos dias do mês de julho de 2019, Bolsonaro publicou um vídeo em sua página oficial do *Facebook* negando que o regime militar tenha sido responsável pela morte de Fernando Santa Cruz, pai do atual presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), declarando que este foi executado pela própria luta armada da esquerda³⁹. Essas afirmações entraram em contradição com o próprio atestado de óbito emitido pela Comissão de Mortos e Desaparecidos do Ministério dos Direitos Humanos (CEMDP), onde afirma-se que Fernando “faleceu em razão de morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistemática e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985⁴⁰”. Uma semana após a comissão emitir o documento, o governo Bolsonaro trocou quatro dos sete integrantes da CEMDP⁴¹.

Refletir a partir destes exemplos nos revelam como o governo Bolsonaro vêm se aproveitando de fraturas existentes no consenso acerca da democracia liberal para travar uma guerra ideológica no campo da informação e contrainformação. Parte desta estratégia diz respeito à desconstrução da memória traumática acerca da ditadura brasileira pós-1964 que foi construída através de políticas de governos anteriores, em especial aqueles levantados pelas Comissão Nacional da Verdade (CNV). Mitificando o passado de maneira conspiratória a fim de mobilizar na sociedade um sentimento de vitimização e hierarquia social, as práticas e instituições democráticas acabam por enfraquecer. Por outro lado, os ataques de Bolsonaro à memória e a história da ditadura militar podem também servir como forma de mobilizar a sociedade civil em defesa desse tema, provando que onde há poder, há resistência.

³⁹ Cf. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/2386718028074515/>. Acesso em 11 abr. 2020.

⁴⁰ AMADO, Guilherme. *Governo Bolsonaro emitiu atestado de que pai de Santa Cruz foi morto pelo Estado*. Época. 29 ago. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/governo-bolsonaro-emitiu-atestado-de-que-pai-de-santa-cruz-foi-morto-pelo-estado-23841263?versao=amp&fbclid=IwAR23VcWlPd-XIO0MluUK6p4qMR4UTa6vbWygF1G34xvcWJxCzSplyjKc8ZQ>. Acesso em 11 abr. 2020.

⁴¹ BORGES, Stella. *Após ser cobrado, Bolsonaro muda comissão de mortos e desaparecidos*. UOL. 01 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/01/governo-troca-integrantes-de-comissao-sobre-mortos-e-desaparecidos.htm>. Acesso em 11 abr. 2020.

Considerações finais

Conforme demonstra a ampla bibliografia sobre ditaduras na América-latina, estes governos vivenciados entre as décadas 50-80 do século passado foram marcados não só pelo amplo uso da violência física nas ruas, delegacias, quartéis e porões, mas também pela violência simbólica exercida pela censura e propaganda política que visavam o consenso social sobre a sua legitimidade. No caso do Brasil, esse trabalho de enquadrar a memória coletiva como um período de segurança e estabilidade social exerce ressonâncias até hoje.

Embora o Brasil, assim como os outros países da América-latina que sofreram ditaduras terem iniciado a partir do século XXI um esforço em resgatar as memórias silenciadas sobre os períodos ditatoriais vividos, constituindo um trabalho de enquadrando da memória enquanto um período traumático ante o alto grau de violência física e simbólica perpetrada, o governo Bolsonaro tem como agenda política justamente a mitificação desse passado em termos conspiratórios com o objetivo de desconstruir essas memórias que foram trazidas à tona. Travar uma batalha no campo da memória por meio de técnicas que Jason Stanley (2019) e Umberto Eco (2019) chamam de fascistas conseguem no presente legitimar a ideia de que se necessita de um governo que opere políticas autoritárias de “lei e ordem” e dificultar julgamentos e reparações em casos de violência institucional, como o Carandiru, os crimes de maio, a candelária, vigário geral e etc.

Esta é uma das razões pela qual Manuel Castells, pesquisador das tecnologias de informação e comunicação, foi o primeiro sociólogo internacional a definir o Brasil como um novo tipo de ditadura⁴². Nas palavras do sociólogo, se trata de uma “ditadura da era da informação”, onde a consciência coletiva está sendo conduzida por uma campanha informacional que suscita sentimentos de desprezo pelos direitos humanos e pelo descrédito de tudo aquilo que foi construído pelas instituições que permitiram que o país lutasse contra as ditaduras tradicionais.

Referências

- ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDR, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRASIL, Meteoro. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.
- CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

⁴² UOL. *Brasil está entrando em uma “ditadura sutil” com Bolsonaro, afirma Castells*. 19 ago. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/07/16/brasil-esta-entrando-em-uma-ditadura-sutil-com-bolsonaro-afirma-castells.htm?fbclid=IwAR3rU-87yDLdl64XizBL03WrNFXTu3w13XyvGLEyTenqCqwE-Fsii4DTu9Q>>. Acesso em 11 abr. 2020.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. In: **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p. 43-59, jan/jun, 2012.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O "devoir de mémoire" na França contemporânea**: entre a memória, história, legislação e direitos. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

LEITE DA SILVA, Isabel Cristina. **Comando de libertação nacional**: oposição armada à ditadura em Minas Gerais (1967-1969). Tese de Mestrado. Programa de Pós-graduação em história e culturas políticas – UFMG, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O golpe de 1964 e a ditadura nas pesquisas de opinião. In: **Revista Tempo**, v. 20, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. In: **Revista páginas**, ano 8 – nº 17 Maio – Agosto, 2016.

RÊGO, Ana Regina. A comissão nacional da verdade e a reconstrução da memória. In: **Jornal Alcar**, ano 4, n. 19, maio, 2015.

ROSA, Pablo O. **Fascismo tropical**: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória: Editora Mil Fontes, 2019

ROBERTSON, Pat. **The new world order**. Dallas: World Publishing, 1991.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2019.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **O inimigo no direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

Artigo recebido em 26/02/2020 e
aprovado para publicação em 02/05/2020